

# Unicamp firma-se como ge

**T**rata-se de uma onda crescente, iniciada há mais de três décadas: a cada mudança de governo – seja municipal, estadual ou federal – docentes e pesquisadores da Unicamp ocupam seus assentos na condução do que se convencionou chamar de políticas públicas. O retrato acabado do entra-e-sai pode ser visto hoje no âmbito federal. Descontadas as turbulências de praxe, integrantes das equipes de transição têm mantido encontros civilizados com interlocutores de matizes ideológicas opostos, mas originários da Unicamp. As razões passam longe da sensaboria tecnocrática, ávida por indicações sazonais típicas do rescaldo das urnas e do seu respectivo loteamento de cargos. Residem num pré-requisito transformado em grife nos gabinetes: a Unicamp é, efetivamente, sinônimo de excelência.

Não é tarefa fácil localizar no calendário o início dessa tendência, mesmo para uma universidade com pouco mais de 35 anos de vida. As pistas, apelando ao rigor histórico, levam a Zeferino Vaz, fundador, idealizador e reitor da Unicamp entre 1966 e 1978. “Foi ele quem lançou as bases dessa excelência, não há nenhuma dúvida. Zeferino arrebanhou pessoas de grande preparo intelectual que amadureceram dentro da Universidade”, testemunha o professor e médico José Aristodemo Pinotti, detentor de rodagem considerável nos círculos do poder.

Para o reitor Carlos Henrique de Brito Cruz, a presença constante de docentes da Universidade em instâncias de definição de grandes políticas públicas é uma prova do amadurecimento da instituição e da qualidade de seus cérebros. “São poucas as universidades que apresentam essa capacidade e que a partir de uma determinada etapa de sua existência passaram a fornecer quadros de primeira linha a todos os patamares do poder público, inclusive o federal”, pondera Brito Cruz, que antes de tornar-se reitor da Unicamp em abril de 2002 foi por seis anos presidente da Fapesp em paralelo a suas atividades acadêmicas no Instituto de Física. A presidência da Fapesp é hoje ocupada por outro nome da Unicamp, o linguísta e ex-reitor Carlos Vogt.

Noséculo 19 esse papel era cumprido sobretudo pelas faculdades de direito – do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife etc – e no século passado, a partir de 1934, muito freqüentemente pela Universidade de São Paulo. Fundada em fins de 1966, já na década de 1970 a Unicamp passou a fornecer os primeiros quadros para o primeiro escalão administrativo do Estado. Em meados da década forneceu seu primeiro secretário de Estado: o então vice-reitor Paulo Gomes Romeo, que ocupou a pasta da Educação. “Já nessa época a

Unicamp mostrava que tinha excelente massa crítica a oferecer, com idéias novas e uma visão social que combinava o conhecimento acadêmico com capacidade de gestão”, completa Brito Cruz.

**Quadro dirigente** – Pinotti, por exemplo, antes de ser alçado à Secretaria da Educação do Estado, foi por duas vezes diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e em seguida reitor da Universidade (1982-1986). Posteriormente foi secretário da Saúde e deputado federal. Na eleição de outubro de 2002, após um hiato de quatro anos, foi reconduzido à Câmara dos Deputados levando na bagagem exatos 209.105 votos, número surpreendente para quem mantinha distância já havia um bom tempo da vida pública, de onde não pretende sair, é bom que se diga. Essa certeza é pavimentada numa trajetória marcada pelo gerenciamento de crises tidas como insolúveis, pelo empreendedorismo – termo usado à larga pela nova geração de gestores públicos – e pela convivência com representantes da elite política, qualificados por Pinotti de “quadro dirigente” do País.

Não é eufemismo. Puxando pela memória em sua clínica na Avenida Brasil, no coração dos Jardins, em São Paulo, Pinotti toma fôlego e, olhando para a ampla janela que o separa do barulho infernal do trânsito na saída para o feriado de 15 de novembro, narra um episódio emblemático. Ainda na década de 1970, durante sua segunda gestão à frente da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (1976-1980), foi despachado na sala do então reitor Zeferino Vaz. Lá chegando, deu de cara com Dílson Funaro, secretário da Fazenda do governo Abreu Sodré, que estava acompanhado dos professores João Manuel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, ambos do antigo Departamento de Economia e Planejamento Econômico (Depe), embrião do Instituto de Economia (IE), e assessores de Funaro na época. Estavam ali os mentores do Plano

Cruzado, implantado no início do governo Sarney, em 1986, pelo próprio Funaro, coincidindo com o final da gestão de Pinotti à frente da Unicamp.

E foi justamente durante o seu mandato que se intensificou a ida de docentes da Unicamp para os gabinetes. Antes, porém, Pinotti teve de colocar à prova toda a sua habilidade – mais tarde reconhecida – de administrador de crises. Assumiu em abril de 1982 uma universidade convulsionada – segundo ele, “na iminência de ser incorporada pela USP”, cujo estatuto vigorava no campus de Barão Geraldo. Oito diretores de unidade foram exonerados e 14 diretores da Associação de Servidores (Assuc) demitidos por Paulo Maluf, governador na época, que finalmente decretou a intervenção na Universidade em outubro de 1981.

Pinotti adotou uma estratégia que funcionou como manual de sobrevivência: “Fiquei à margem das inúmeras brigas internas. Ignorei-as por saber que mais cedo ou tarde elas desapareceriam”. Em paralelo, envolveu docentes, funcionários e alunos na costura necessária para a elaboração do estatuto próprio da Universidade, num verdadeiro processo de constituinte. “Ao final da minha gestão, a Unicamp estava pacificada, institucionalizada e construída – incluindo o Hospital das Clínicas e o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism)”, lembra. Mas, de todas as realizações, a que mais o envaidece é a criação dos centros e núcleos. Cita de enfiada nomes que saíram dessas unidades para ocupar cargos públicos de relevância. No entender de Pinotti, trata-se de um diferencial que coloca a Unicamp no atual patamar de qualidade.

**Papel maior** – Para o ex-reitor, os centros e núcleos são instâncias interdisciplinares que rompem em certa medida com o engessamento departamental e abrigam pesquisadores dedicados às soluções para os problemas conjunturais do país. “A Unicamp tem

um papel maior na nossa história recente porque ela é uma universidade mais moderna, livre e aberta”, diz Pinotti, atribuindo os méritos da arquitetura dos centros e núcleos ao professor Paulo Renato Costa Souza, seu assessor à época. “Foi ele o artífice”, relata.

O que pode parecer um rasgo de benevolência na verdade traduz o grau de aproximação entre o ex-reitor e o atual ministro da Educação. Ambos protagonizam uma troca de postos inédita. Por indicação do próprio Pinotti, Paulo Renato deixou temporariamente a Unicamp em 1984 para assumir a Secretaria Estadual da Educação no governo de Franco Montoro. Deixou o cargo em 1986 para assumir a Reitoria da Unicamp, enquanto Pinotti o substituiu na pasta, onde desenvolveu um dos primeiros projetos de ampla aplicabilidade integralmente desenvolvido por pesquisadores da Unicamp.

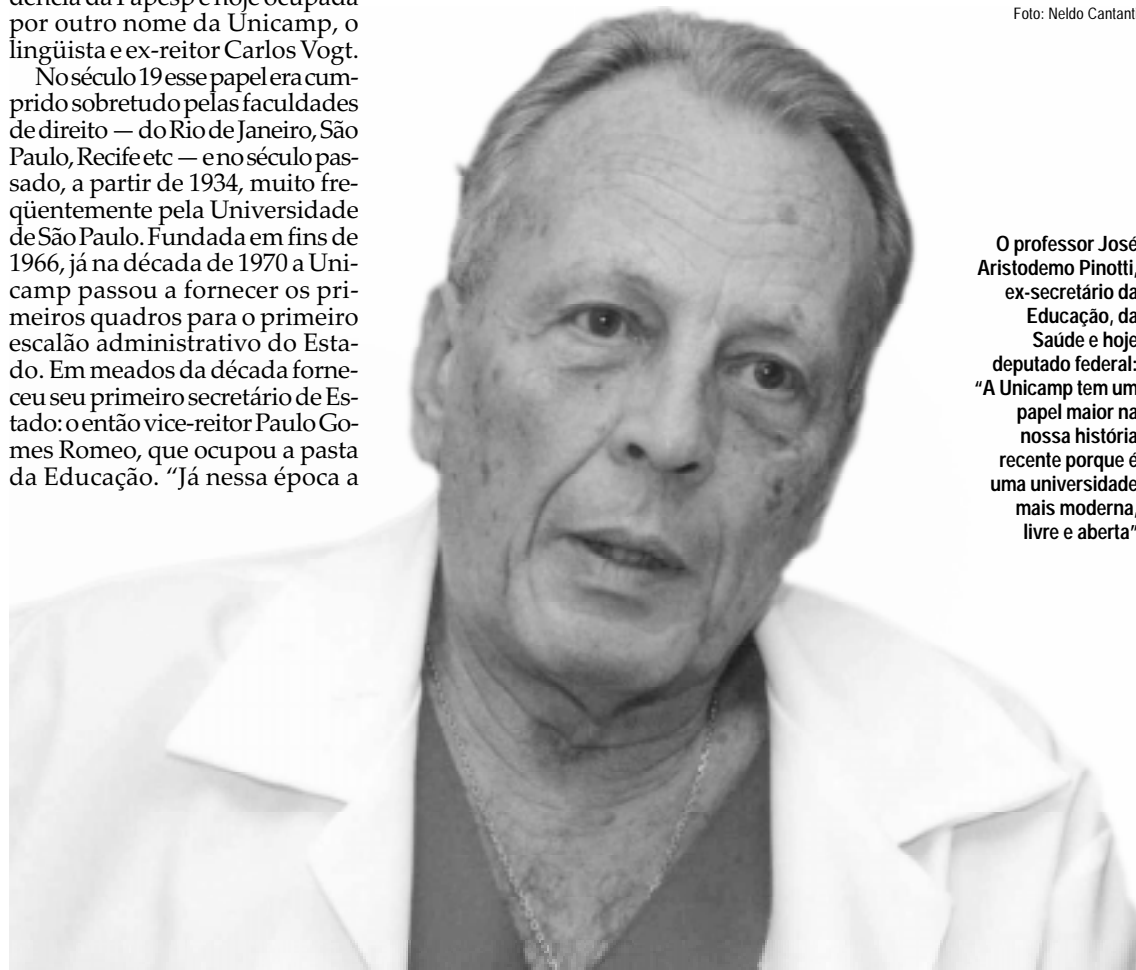
“O programa, o maior do gênero feito até hoje na América Latina, foi o que mais me deu satisfação na vida”, revela, referindo-se ao Profic – Programa de Formação Integral da Criança. De acordo com o ex-reitor, o projeto, elaborado sob a coordenação do matemático Ubiratan D’Ambrósio, que na sua gestão fora coordenador geral dos Institutos – possibilitou a matrícula em tempo integral de 513 mil crianças de baixa renda com dificuldade de aprendizado. “Em 86% das escolas, os estudantes que participaram do programa tiveram rendimento

escolar melhor do que aqueles que ficaram à margem”, contabiliza.

O ex-reitor tem suas convicções, duas delas construídas ao longo de sua trajetória. A primeira, tida por ele como “questão nuclear”, é a necessidade de uma academia – formadora de cérebros por excelência – interferir pela qualidade que tem de antever e solucionar os problemas, o que não significa necessariamente participar da política ou de administrações. Mas às vezes é preciso interferir também como agente político, diz ele. “Se a universidade – que tem qualidade – não interferir, o processo político vai ficar na mão de quem?”, questiona.

A outra convicção, de natureza pessoal, é a crença no poder multiplicador das ações políticas. Pinotti recorre mais uma vez a um projeto desenvolvido na Unicamp para amparar sua tese. Idealizador e fundador do Caism, Pinotti espalhou por todo o Estado de São Paulo, quando era secretário da Saúde, o mesmo programa pioneiro de controle do câncer uterino implantado na unidade da Unicamp. “Milhares de vidas foram salvas”, diz. Ao colocar de um lado da balança o ônus da práxis e, no outro, as realizações, o professor resume o que pensa. “A razão moral kantiana é muito presente na academia. É um contraste doloroso com a atividade política”. Pinotti garante que a dor é passageira. E que vale a pena experimentá-la.

**Para reitor, presença de docentes em instâncias de definição é sinal de amadurecimento**



O professor José Aristodemo Pinotti, ex-secretário da Educação, da Saúde e hoje deputado federal: “A Unicamp tem um papel maior na nossa história recente porque é uma universidade mais moderna, livre e aberta”

## Nomes da Unicamp

### FEDERAL

#### GOVERNO JOSÉ SARNEY (1985-1990)

▶ João Manuel Cardoso de Mello ministro interino da Fazenda



▶ Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo ministro interino da Fazenda



▶ Luciano Galvão Coutinho ministro interino da Ciência e Tecnologia

#### GOVERNO FERNANDO COLLOR DE MELO (1990-1992)

▶ Antonio Kandir secretário especial de Política Econômica

#### GOVERNO ITAMAR FRANCO (1992-1995)

▶ Walter Barelli ministro do Trabalho

#### GOVERNO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1995-1999 E 1999-2003)



▶ José Serra ministro do Planejamento e Orçamento e ministro da Saúde



▶ Barjas Negri ministro interino da Saúde



▶ Paulo Renato Costa Souza ministro da Educação e do Desporto

▶ Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa ministra interina da Educação e do Desporto

▶ Maria Helena Guimarães Castro ministra interina da Educação e do Desporto

▶ Antonio Kandir ministro interino do Planejamento e Orçamento

▶ Carlos Américo Pacheco ministro interino da Ciência e Tecnologia

▶ Vilmar Evangelista Faria coordenador especial do Programa de Políticas Sociais

▶ Luiz Carlos Mendonça de Barros presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

quadros para todas as instâncias do poder público

# gestora de políticas públicas

## Celeiro de cérebros

Criado em 1984, o Instituto de Economia (IE) originou-se do antigo Departamento de Economia e Planejamento Econômico (Depe), que fazia parte do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). É, com folga, o maior fornecedor de docentes da Unicamp para diferentes governos desde o início das atividades do Depe, no final da década de 1960. Passaram pelo IE – ou ainda estão lotados nele – nomes como os de José Serra, Paulo Renato Costa Souza, Barjas Negri, Luiz Gonzaga Belluzzo, João Manuel Cardoso de Mello, Walter Barelli, José Graziano da Silva, Antonio Kandir, Carlos Américo Pacheco e Márcio Pochmann, entre outros. O diretor do IE, professor Paulo Baltar, credita essa participação expressiva de docentes na vida pública às suas respectivas atividades partidárias e ao fato de o Instituto manter uma linha analítica e propositiva sobre a economia brasileira. Na Unicamp desde 1977, Baltar destaca também as pesquisas desenvolvidas nos centros e núcleos do IE.

**Jornal da Unicamp – A que o senhor atribui o grande número de docentes do Instituto de Economia que participam de sucessivos governos?**

**Paulo Baltar –** Além de serem bonseconomistas, nossos docentes



Foto: Antoninho Perri

O professor Paulo Baltar: “Economistas notórios dentro de suas linhas

sempre tiveram participação muito intensa na vida nacional como cidadãos, sobretudo nos debates. É importante ressaltar também que muitos deles foram chamados porque são militantes de partidos políticos. O Instituto sempre teve um espectro de participação político-partidária muito grande. São economistas notórios dentro de suas linhas partidárias

**JU – A mídia frequentemente fala em “escola Unicamp”, referindo-se aos quadros oriundos do Instituto de Economia. O senhor acha que a classificação procede?**

**Paulo Baltar –** Acho que sim. Existe no IE uma tradição forte de uma linha de pensamento analí-

tica sobre a economia brasileira e um diagnóstico dos nossos problemas estruturais. Isso começou ainda quando o IE era departamento. Conseqüentemente, sempre foram apresentadas propostas com uma orientação diferente, numa linha mais adequada para o país. Essa sempre foi nossa marca nas atividades de pesquisa, da graduação e da pós-graduação. Reconhecemos que a economia é uma ciência social. Procuramos dar não apenas uma formação técnica aprimorada para os alunos, mas também uma formação mais ampla, interdisciplinar.

**JU – Qual a linha predominante no IE?**

**Paulo Baltar –** Não dá para dizer que exista uma linha única de pensamento, mas se você quiser classificar pode dizer que fazemos uma abordagem mais heterodoxa da economia. É difícil hoje querer classificar o economista numa coisa muito fina.

**JU – São muitos os docentes que saíram do IE para o governo federal, mas poucos atuam diretamente na área econômica. Por quê?**

**Paulo Baltar –** Não há ninguém da economia lotado na área econômica do governo federal. Pelo contrário, o posicionamento, mesmo de integrantes do governo, é de

oposição à política adotada pela área econômica. O caso mais claro é o do professor José Serra, que deixou de ser ministro do Planejamento por conta de divergências. Tanto é assim que em seu programa de campanha, embora tenha sido o candidato da situação, nunca perdeu a oportunidade de marcar sua posição contrária às orientações econômicas gerais do governo.

**JU – Essa opinião predomina no Instituto?**

**Paulo Baltar –** Tenho a impressão de que a maioria dos docentes é contrária ao modelo neoliberal. Agora, as razões e as alternativas que se colocam variam bastante de um professor para outro e de uma linha política para outra. Temos aqui no Instituto várias linhas políticas. Acredito que a maioria não comunga plenamente com esse modelo adotado pela área econômica do governo federal.

**JU – O fato de o IE ter um grande número de docentes no poder público traz algum tipo de ônus?**

**Paulo Baltar –** Não. Ao contrário, a experiência vivenciada pelos professores nos cargos públicos possibilitou um enriquecimento da nossa visão sobre a realidade nacional.

**JU – Qual seria a diferença entre as linhas adotadas pela PUC-Rio e pela Unicamp?**

**Paulo Baltar –** A formação eco-

nômica dos docentes da PUC do Rio não tem a ênfase que nós damos a esses componentes mais sociais que estão estreitamente relacionados com os componentes econômicos. Eles vêem a coisa econômica de um modo mais isolado. Nós destacamos um pouco mais as conseqüências das linhas econômicas que o país segue com relação à sociedade brasileira, à maneira de conviver do cidadão.

**JU – As pesquisas também seguem essa orientação?**

**Paulo Baltar –** As atividades de pesquisa no Instituto de Economia se dão a partir de seus núcleos e centros. Nós temos quatro centros e seis núcleos, que abrangem as principais áreas de pesquisa – teórica e aplicada. E, das pesquisas que os professores fazem em torno desses núcleos, todas têm aplicabilidade. Elas cobrem um longo espectro e boa parte dos problemas principais. O resultado dessa política repercute diretamente no ensino.

**JU – De que maneira?**

**Paulo Baltar –** Os grupos de pesquisa se relacionam entre si. Os docentes não ficam isolados, mas mostram seus trabalhos para que cada um perceba que os temas específicos de seus estudos estão relacionados com outros temas que os demais professores estão pesquisando com seus alunos. O IE sempre promoveu essa interação.

## NO EIXO DAS DECISÕES

no primeiro escalão dos governos federal, estadual e municipal desde 1983

### ESTADUAL (SP)

**GOVERNO FRANCO MONTORO (1983-1987)**

▶ José Serra  
secretário de Planejamento

▶ Paulo Renato Costa Souza  
secretário da Educação

▶ José Aristodemo Pinotti  
secretário da Educação

**GOVERNO ORESTES QUÉRCIA (1987-1991)**

▶ José Aristodemo Pinotti  
secretário da Saúde

▶ Frederico Mathias Mazzuchelli  
secretário de Economia e Planejamento

▶ Luiz Gonzaga de Mello Beluzzo  
secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico

▶ Nelson Rodrigues dos Santos  
secretário da Saúde

**GOVERNO LUIZ ANTÔNIO FLEURY FILHO (1991-1994)**

▶ Frederico Mathias Mazzuchelli  
secretário de Economia e Planejamento



▶ Cármino Antonio de Souza  
secretário da Saúde

**GOVERNO MÁRIO COVAS/GERALDO ALCKMIN (1994-1998/1998-2002)**



▶ Walter Barelli  
secretário de Trabalho



▶ Jurandir Fernandes  
secretário dos Transportes Metropolitanos

### MUNICIPAL

**MAGALHÃES TEIXEIRA CAMPINAS (1983-1988)**



▶ Eliézer Rizzo de Oliveira  
secretário da Cultura

▶ Antonio Arantes  
secretário da Cultura

▶ Nelson Rodrigues dos Santos  
secretário da Saúde

**JACÓ BITTAR CAMPINAS (1989-1992)**

▶ Paulo Davidoff  
secretário de Planejamento

▶ Maurício Coutinho  
secretário de Finanças



▶ Newton Brian  
secretário da Educação

▶ Jurandir Fernandes  
secretário dos Transportes

▶ Marco Aurélio Garcia  
secretário de Cultura, Esportes e Turismo

**MAGALHÃES TEIXEIRA EDVALDO ORSI CAMPINAS (1993-1996)**

▶ Ulysses Semeghini  
secretário de Planejamento

▶ Geraldo Biasoto Júnior  
secretário de Finanças

▶ Jurandir Fernandes  
secretário dos Transportes



▶ Ezequiel Theodoro da Silva  
secretário da Educação



▶ Rogério de Jesus Pedro  
secretário da Saúde

**ANTONIO COSTA SANTOS/IZALENE TIENE CAMPINAS (2001-2002)**



▶ Jorge Coli  
secretário da Cultura, Esportes e Turismo

▶ Marcos Tognon  
secretário da Cultura, Esportes e Turismo



▶ Gastão Wagner de Souza Santos  
secretário da Saúde



▶ Corinta Geraldi  
secretária da Educação

▶ Rogério Cerqueira Leite  
secretário de Cooperação Internacional

**MARTA SUPLICY SÃO PAULO (2001-2002)**



▶ Márcio Pochmann  
secretário de Desenvolvimento do Trabalho e Solidariedade

▶ Jorge Eduardo Levi Mattoso  
secretário de Relações Internacionais

**PREFEITURA DE AMPARO (2001-2002)**



▶ César José Bonjuani Pagan  
prefeito